Desenvolvimento Psicológico e Indecisão Vocacional

Paulo Jorge Santos*
Joaquim Luís Coimbra**

Apresenta-se uma proposta de categorização e analisam-se as três grandes abordagens que dominaram a investigação sobre a indecisão vocacional nas últimas décadas: a abordagem epidemiológica, que se centrou na determinação da percentagem de estudantes indecisos, a abordagem diferencial, que procurou encontrar diferenças entre sujeitos decididos e indecisos, e a abordagem desenvolvimental, que enfatizou o processo que conduz à indecisão e não o seu conteúdo. Algumas investigações relativas a cada uma destas abordagens são apresentadas. Analisa-se a evolução do constructo da indecisão vocacional e a transformação paralela dos instrumentos de avaliação. Apresenta-se uma linha de investigação, mais recente, que procurou conceptualizar a indecisão vocacional com base em pressupostos oriundos das teorias familiares sistémicas, e os resultados das principais investigações que tentaram testar empiricamente este modelo. Finalmente, abordam-se algumas evoluções possíveis do constructo da indecisão vocacional.

1. A evolução histórica da abordagem da indecisão vocacional

O desenvolvimento vocacional, nomeadamente de adolescentes e jovens adultos, constitui uma temática amplamente estudada nas últimas décadas segundo diferentes perspectivas teóricas (Crites, 1981).¹ Uma parte significativa destas abordagens atribui grande importância ao processo de escolha ou decisão vocacional. Chartrand e Camp (1991) consideram que dentro desta área teórica se desenvolveram três linhas de investigação. A primeira analisou a decisão vocacional como um processo evolutivo

que ocorreria ao longo de vários estádios desenvolvimentais, como é o caso da teoria de Harren (1979). Uma segunda linha de investigação analisou e testou modelos de tomada de decisão baseados, essencialmente, em teorias racionalistas clássicas de decisão (Janis & Mann, 1977). Finalmente, uma terceira linha de pesquisas procurou identificar e diferenciar variáveis individuais no processo de decisão vocacional, debruçando-se sobre a indecisão vocacional e os estilos de decisão. Em termos históricos, o interesse dos investigadores centrou-se, primeiro, na indecisão e só posteriormente no processo de escolha ou decisão vocacional.

A revisão da literatura permitiu-nos identificar diferentes tipos de conceptualizações que, ao longo, do tempo, dominaram a área da indecisão vocacional. Designamos estas abordagens de epidemiológica, diferencial e desenvolvimental.

* Assistente estagiário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

** Professor Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Membro do Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no III Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Lisboa, 8, 9 e 10 de Dezembro de 1995.

¹ A utilização do termo vocacional é o equivalente, na nossa exposição, à palavra inglesa *career*. Embora reconhecendo que a expressão vocacional possa evocar uma perspectiva clássica de conceptualizar

a Orientação Escolar e Profissional, pareceu-nos ser esta uma opção preferível à utilização da palavra *carreira*. Com efeito, este último termo não é ainda muito utilizado na linguagem científica portuguesa e possui um âmbito muito restrito quando aplicado à linguagem quotidiana. Fala-se frequentemente de "carreira artística" e "carreira desportiva", mas não é vulgar encontrar expressões semelhantes.

1.1. A abordagem epidemiológica

Slaney (1988) identifica duas preocupações fundamentais que dominaram inicialmente a investigação sobre a indecisão vocacional. A primeira, que poderíamos designar de epidemiológica, pretendia determinar a percentagem de estudantes indecisos relativamente ao seu futuro escolar e profissional. A maioria das investigações socorreu-se de estudantes, normalmente universitários, classificados de decididos ou indecisos em função de terem efectuado ou não a escolha de uma área de especialização para prosseguimento de estudos.² As percentagens encontradas variam de estudo para estudo. Crites (1969), por exemplo, realizou um levantamento das investigações desde os anos 20 até ao início da década de 60, constatando que a maioria das investigações encontra uma percentagem média de estudantes indecisos que oscila entre os 20% e os 40%. Outros autores apontam valores um pouco mais elevados (Gordon, 1981), com as percentagens a sofrerem uma variação em função dos anos em que foram calculadas e do grau de ensino que os sujeitos frequentavam (ensino secundário *versus* ensino universitário). Deve considerar-se a possibilidade de um número mais realista poder ser superior, na medida em que estas estimativas avaliam somente os estudantes que declaram abertamente encontrar-se indecisos (Gordon, 1981).

Perante estas percentagens expressivas não se torna difícil perceber que a indecisão se tenha tornado um dos problemas mais estudados na área da psicologia vocacional (Borgen, 1991; Chartrand & Camp, 1991; Silva, 1994). O estudante indeciso era visto como um indi-

² O sistema educativo americano apresenta marcadas diferenças relativamente ao que existe no nosso país. Em Portugal é no final do 12º ano de escolaridade que o jovem deverá escolher um curso superior, se eventualmente ainda não efectuou a sua escolha, caso deseje prosseguir os seus estudos neste nível de ensino. Nos Estados Unidos da América esta escolha processa-se já depois do estudante ter ingressado no Ensino Superior e cada uma das opções possíveis designa-se por *major*. Traduzimos esta expressão por área de especialização académica ou área de especialização para prosseguimento de estudos.

víduo incapaz de optar por um plano de estudos ou por uma profissão e esta incapacidade julgada uma característica negativa ou prejudicial. O estudante decidido, por seu turno, era percebido como alguém que revelava maturidade pessoal.

1.2. A abordagem diferencial

Uma segunda linha de investigação destacada por Slaney (1988), que poderemos designar de diferencial, tentou avaliar as diferenças entre estudantes decididos e indecisos. Pelo menos desde os anos 20, um imenso número de estudos, a esmagadora maioria de natureza correlacional, tentou isolar características que distinguíssem os dois tipos de sujeitos. As investigações centraram-se sobre variáveis que se julgavam relacionadas com a indecisão vocacional, como resultados académicos (Lunneborg, 1975, 1976), diferenciação de interesses vocacionais (Lowe, 1981), expectativas de auto-eficácia relativas às decisões vocacionais (Taylor & Betz, 1983) ou estilos de decisão (Osipow & Reed, 1985). Noutros casos, optou-se por analisar múltiplas variáveis em simultâneo, por vezes dezenas, com o objectivo de tentar encontrar, ainda que de forma tateante, características que diferenciassem os dois grupos (Ashby, Wall, & Osipow, 1966; Baird, 1969; Osipow & Gold, 1967).

É bastante difícil sumarizar os resultados destas investigações uma vez que os seus resultados não permitiram encontrar um corpo coerente de resultados. Slaney (1988) refere que um grupo de estudos demonstra não existirem diferenças claras ou importantes entre estudantes decididos e indecisos, enquanto que um outro conjunto de investigações sugere a existência de diferenças, especialmente ao nível da personalidade, que favoreceriam os estudantes decididos. Apesar do enorme esforço colocado pelos investigadores neste tipo de pesquisas, o facto é que não se conseguiu obter nenhum conjunto de dados razoavelmente sólido que possibilitasse compreender melhor a indecisão vocacional.

É possível apontar várias razões que poderão explicar estes resultados. Antes do mais, a ausência de referências teóricas que orientassem

conceptualmente as investigações. Tinsley (1992) sustenta que a investigação sobre a indecisão vocacional se pautou por um quadro marcadamente atóxico que privilegiou, essencialmente, pelo menos a partir da segunda metade da década de 70, questões relacionadas com a avaliação.

Uma outra razão, que explicaria a ausência de diferenças, deve-se à reduzida sofisticação psicométrica dos instrumentos utilizados para avaliar a indecisão vocacional (Dowing & Dowd, 1988). Foi só com o aparecimento da *Career Decision Scale* (Osipow, Carney, & Barak, 1976) que a avaliação da indecisão passou a ser realizada através de um instrumento com as características comuns a outros de natureza psicométrica. Esta escala permitiu relançar a investigação neste domínio e serviu de inspiração para a criação de outros instrumentos que surgiram posteriormente (Chartrand & Camp, 1991; Neimeyer & Heesacker, 1992).

Finalmente, um outro factor que, provavelmente, terá tido um papel decisivo na explicação dos resultados oriundos do modelo diferencial reside na existência de vários tipos de sujeitos indecisos. Por outras palavras, o grupo de indivíduos indecisos não teria características homogéneas, facto susceptível de explicar os resultados confusos de alguns estudos que, ora encontram a existência de diferenças entre estudantes decididos e indecisos relativamente a algumas variáveis, ora não as encontram. A concepção da indecisão como constructo multidimensional parece razoavelmente consensual, embora não tenha sido ainda possível chegar a acordo quanto ao número e à natureza destas dimensões (Betz, 1992).

1.3. A abordagem desenvolvimental

Para além das abordagens já referidas, a epidemiológica e a diferencial, é possível identificar uma terceira que designamos de desenvolvimental. A abordagem desenvolvimental, ao contrário das anteriores, enfatiza o processo que conduz à indecisão e não tanto a indecisão propriamente dita.

Galinsky e Fast (1966) foram dos primeiros autores a defender, na sequência de Erikson (1968), o pressuposto de que o processo de escolha de uma profissão se encontrava inti-

mamente relacionado com o processo de construção da identidade. Dificuldades na construção da identidade são frequentemente expressas em dificuldades na escolha vocacional. Quando o jovem não conseguiu construir uma identidade sólida, questiona-se frequentemente sobre quem é ou o que é capaz de fazer. Nestas condições é possível que os seus interesses sejam tão diversificados que uma escolha se torne difícil. Por vezes, surge a situação oposta na qual se constata uma ausência de interesses que se destaquem e que funcionem como facilitadores do processo de decisão. Todavia, a situação mais frequente parece ser uma instabilidade de interesses. Primeiro, uma determinada opção parece ser a indicada, mas logo se revela decepcionante. Surge então uma alternativa que acaba por conduzir ao mesmo resultado e assim sucessivamente.

A investigação sobre o desenvolvimento vocacional e o desenvolvimento da identidade permitiu colocar em evidência alguns processos comuns aos dois tipos de desenvolvimento (Blustein, Devenis, & Kidney, 1989). Partindo deste pressuposto, seria de admitir que a indecisão vocacional fosse diferente consoante o estatuto de identidade dos jovens em causa: mais elevada nos estatutos de identidade moratória e difusa do que nos estatutos de identidade construída ou outorgada (Neimeyer & Heesacker, 1992).³

Recentemente, uma investigação de Vondracek, Schulenberg, Skorikov, Gillespie e Wahlheim (1995) tentou avaliar empiricamente esta relação. Utilizando uma amostra de estudantes do ensino secundário, os investigadores verificaram que sujeitos classificados no estatuto de identidade construída obtiveram resultados mais baixos numa escala de indecisão vocacional do que os sujeitos

³ A referência a trabalhos que tentam relacionar a indecisão vocacional com os estatutos de identidade num capítulo dedicado à abordagem desenvolvimental, justifica-se pelo facto do trabalho de Marcia (1966, 1980, 1987), podendo, eventualmente, ser abordado numa perspectiva diferencial, constituir uma extensão da teoria desenvolvimental de Erikson (1968). Simultaneamente, cada um dos estatutos de identidade configura uma forma qualitativamente diferente, sob o ponto de vista desenvolvimental, de lidar com a questão da identidade.

classificados nos três restantes grupos. O resultado mais surpreendente foi a constatação de que os indivíduos classificados no estatuto de identidade outorgada, que supostamente teriam aderido a escolhas e projectos oriundos dos seus pais ou de figuras de autoridade e que estariam, em princípio, menos indecisos sob o ponto de vista vocacional, não diferiam significativamente dos estudantes classificados nos estatutos de identidade difusão e moratória.

Gordon (1981) enfatizou, igualmente, a importância de se compreender a indecisão vocacional à luz das teorias do desenvolvimento psicológico, propondo uma integração das teorias de Super (1957), Tiedeman e O'Hara (1963) e Perry (1970), susceptível de ser aplicada à consulta individual. As teorias de Super (1957) e de Tiedeman e O'Hara (1963) permitiriam compreender quais as grandes tarefas a realizar no plano vocacional e quando é que socialmente se espera que elas sejam cumpridas. A teoria de Perry (1970), por seu turno, permitiria compreender como e quando o estudante se encontra preparado, no plano desenvolvimental, para realizar estas tarefas. O facto de um estudante se encontrar decidido quanto ao seu futuro não constitui uma situação positiva *de per se*. Gordon sustenta mesmo o seguinte: "Existem muito estudantes decididos (...) que necessitam do mesmo tipo de aconselhamento e intervenção disponibilizado aos indecisos" (Gordon, 1981, p. 438).

A abordagem desenvolvimental permite recolocar a questão da indecisão vocacional numa perspectiva diferente daquela que era proposta pelo modelo diferencial. Neste, a indecisão vocacional encontrava-se associada a um pólo negativo e a decisão a um pólo positivo. Trata-se, agora, numa perspectiva de promoção do desenvolvimento humano, de possibilitar a criação de oportunidades para que os estudantes possam, através de uma estratégia conjunta de desafio e apoio, progredir de um estágio desenvolvimental inferior para um outro superior. No plano das teorias estruturais-cognitivas, nomeadamente na de Perry (1970), é de esperar que no nível mais elevado de desenvolvimento, o do investimento no quadro do relativismo, os indivíduos se encontrem mais decididos no plano vocacional. Deve salientar-se, todavia, que esta decisão possui

um valor desenvolvimental superior à que será de esperar encontrar em estádios inferiores que reflectem, muitas vezes, uma estrutura dualista do mundo que se consubstancia na adesão a projectos vocacionais de forma acrítica e superficial.

Dowing e Dowd (1988), à semelhança de Gordon (1981), propõem também que a investigação e a intervenção sobre a indecisão vocacional tomem em linha de conta os estatutos de identidade dos clientes, colocando em plano de evidência a importância do modelo de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968), adaptado por Marcia (1966, 1980, 1987). A teoria de desenvolvimento vocacional de Super (1953, 1957, 1980, 1984) e o modelo de tomada de decisão vocacional de Harren (1979) constituem, para estes autores, duas outras teorias susceptíveis de permitir um enquadramento teórico sólido que possibilite uma compreensão mais holística do fenómeno da indecisão vocacional que previna intervenções uniformes com clientes que, na realidade, apresentam necessidades muito diferentes.

As teorias desenvolvimentais permitem, assim, conceptualizar a indecisão vocacional à luz de uma abordagem que evita a conotação negativa que normalmente lhe era atribuída e que a enquadra na lógica de um determinado processo. Neste aspecto, o modelo desenvolvimental constituiu um avanço no plano teórico e nas implicações para a intervenção que dele derivam.

2. Da unidimensionalidade à multidimensionalidade: constructo e avaliação

Uma parte substancial das investigações que se debruçaram sobre a indecisão vocacional partiu do pressuposto de que a sua avaliação não constituía problema de maior. Bastaria perguntar aos sujeitos se já tinham feito ou não uma escolha de carácter vocacional e, em função da sua resposta, classificá-los de decididos ou indecisos. Esta metodologia de avaliação traduz claramente uma concepção unidimensional da indecisão vocacional.

Todavia, ao longo dos últimos anos, um número crescente de autores e de investigações tem colocado em evidência a multidimensionalidade do constructo, chamando a atenção

para a existência de vários tipos, factores, categorias ou dimensões, consoante a terminologia usada, de indecisão vocacional.⁴

Para Rojewski (1994), duas metodologias de investigação são as mais utilizadas no estudo da multidimensionalidade da indecisão vocacional: a análise factorial e a análise de *clusters*. A primeira tem sido empregue para determinar as dimensões subjacentes à indecisão vocacional, particularmente com a *Career Decision Scale* (Osipow *et al.*, 1976). Inicialmente esta escala foi criada como parte de um programa de investigação que se destinava a conceber um sistema modular de auto-ajuda para indivíduos que se encontravam indecisos no plano vocacional (Osipow, 1987). O princípio do qual os autores partiram era o de que existia um número relativamente reduzido de problemas ou factores que impediria as pessoas de chegarem a uma decisão vocacional. Uma primeira análise factorial da escala demonstrou a existência de quatro factores que explicavam mais de 81% da variância total (Osipow *et al.*, 1976). O primeiro factor reflectia elementos que envolviam falta de estrutura e confiança relativamente às decisões vocacionais. O segundo reflectia a possibilidade de uma barreira externa face a uma escolha preferida. O terceiro factor foi interpretado como reflectindo um conflito do sujeito perante diversas alternativas atraentes. O último factor seria indicador de um conflito pessoal de algum tipo que envolveria o processo de decisão.

Outras investigações, todavia, não conseguiram replicar esta estrutura factorial (Osipow, 1987; Slaney, 1988), tendo este assunto alimentado alguma controvérsia nos últimos anos (Martin, Sabourin, Laplante, & Coallier, 1991; Shimizu, Vondracek, & Schulenberg, 1994). Dificilmente esta escala poderá permitir uma avaliação multidimensional dos diversos factores antecedentes da indecisão vocacional (Chartrand & Camp, 1991), embora tenha sido este o propósito inicial que esteve na base da sua concepção (Winer, 1992).

A análise de *clusters*, estratégia empregue para identificar grupos homogéneos de indivíduos, tem sido igualmente utilizada na in-

vestigação das dimensões da indecisão vocacional. Por exemplo, Fuqua, Blum e Hartman (1988), recorrendo a uma amostra de estudantes do ensino secundário, identificaram quatro grupos com níveis crescentes de indecisão vocacional. Os grupos foram definidos com base em cinco variáveis: ansiedade de estado, ansiedade de traço, identidade, *locus* de controle e indecisão vocacional.

Rojewski (1994), recorrendo a uma amostra de estudantes do 9º ano de escolaridade provenientes de um meio rural, identificou três grupos: decididos (*tentatively - decided - crystallizing preferences*), provisoriamente indecisos (*transitional indecision*) e cronicamente indecisos (*chronic indecision - impaired development*).

Em síntese, a análise factorial e a análise de *clusters* têm permitido evidenciar os diferentes grupos e categorias pelos quais os estudantes indecisos se podem distribuir, tendo estas duas metodologias de investigação a vantagem de poderem ser aplicadas a populações distintas, permitindo, desta forma, a comparação entre resultados.

Para além da análise factorial e da análise de *clusters*, uma terceira metodologia tem sido utilizada na investigação de subtipos de indecisão vocacional: a análise de casos clínicos (Johnson, 1990; Salomone, 1982). Este tipo de estratégia tem sido aplicado, essencialmente, à análise de uma categoria de indivíduos que integra um subtipo que poderemos designar de indecisão generalizada.⁵

A avaliação da indecisão vocacional acompanhou a crescente tendência para o reconhecimento da multidimensionalidade do constructo. Recentemente, uma nova geração de instrumentos procurou responder à neces-

⁵ Traduzimos por indecisão generalizada aquilo que na literatura é geralmente designado por *indecisiveness*. O adjectivo generalizada pretende colocar em relevo duas dimensões. A primeira é de conteúdo, isto é, o indivíduo tem dificuldades em tomar decisões em várias áreas da sua vida que ultrapassam, em muito, o domínio vocacional. A segunda relaciona-se com o aspecto estrutural da indecisão enquanto característica estável da auto-organização do indivíduo. Infelizmente, não dispomos, na língua portuguesa, de um adjectivo equivalente à palavra *indecisive*.

⁴ Para uma apresentação bastante completa das diversas tipologias ver Gordon (1995).

sidade de avaliar de forma mais eficaz os diversos factores antecedentes da indecisão vocacional. Jones (1989) criou o *Career Decision Profile*, na sequência de um anterior instrumento de Jones e Chenery (1980), partindo do pressuposto de que a avaliação do estatuto de decisão vocacional de um indivíduo implica abordar três questões essenciais: 1) até que ponto se encontra decidido quanto à escolha de uma profissão; 2) até que ponto se sente confortável acerca do percurso que já fez no que respeita ao seu processo de decisão; 3) que razões o indivíduo encontra para o facto de se encontrar decidido ou indeciso. Estas questões configuram, igualmente, os eixos de um modelo tridimensional do estatuto de decisão vocacional.

Posteriormente surgiu o *Career Factors Inventory* (Chartrand, Robbins, Morrill, & Boggs, 1990). À semelhança do anterior, este instrumento pretende avaliar, de uma forma multidimensional, a indecisão vocacional. Partindo de uma revisão prévia da literatura Chartrand *et al.* (1990) identificaram quatro factores que têm sido sucessivamente referidos como podendo facilitar ou inibir o processo de decisão vocacional: ansiedade da escolha vocacional, indecisão generalizada, necessidade de informação vocacional e necessidade de auto-conhecimento. Os autores designam os dois primeiros factores como pessoais-emocionais e os segundos como factores de informação.

Numa investigação sobre a comparação das estruturas factoriais da *Career Decision Scale*, do *Career Decision Profile* e do *Career Factors Inventory*, Stead e Watson (1993) concluíram que as duas últimas escalas possuem uma estrutura factorial bastante mais distinta e multidimensional do que a escala de Osipow *et al.* (1976).

Estes instrumentos abrem uma nova era na avaliação da indecisão vocacional que parece promissora. A sua existência implica um reconhecimento da complexidade do constructo da indecisão vocacional que dificilmente os primeiros investigadores da área poderiam admitir.

3. A conceptualização sistémica familiar do desenvolvimento vocacional

Paralelamente à crescente influência dos modelos ecológico-desenvolvimentais que se

fizeram sentir na psicologia vocacional a partir da década de 80 (Law, 1981, 1991, 1993; Vondracek, Lerner, & Schulenberg, 1986), alguns autores sustentaram a utilidade da aplicação das teorias sistémicas familiares, oriundas da terapia familiar, ao comportamento vocacional.

Bratcher (1982) defende a utilidade da introdução do pensamento sistémico familiar com o objectivo de compreender melhor o papel da família nos processos de decisão vocacional dos indivíduos. A família comporta-se como um sistema aberto em que cada membro influencia e é influenciado pelos outros membros. Os conceitos de fronteira, homeostase, regras e mitos familiares, constituem ferramentas conceptuais importantes para a intervenção vocacional em vários domínios. Este autor assinala algumas situações relacionadas com as decisões vocacionais em que a conceptualização sistémica familiar pode ser útil. A primeira tem a ver a capacidade do sujeito em separar-se da sua família e tornar-se uma pessoa autónoma e independente. Esta capacidade relaciona-se intimamente com a maior rigidez ou flexibilidade das fronteiras do sistema familiar. *"Embora a questão da separação da família possa não ser o único factor envolvido, pode colocar-se a hipótese de ser um dos mais importantes na decisão de muitos jovens"* (Bratcher, 1982, p. 89).

Uma segunda situação, intimamente relacionada com a primeira, relaciona-se com a maior ou menor capacidade do indivíduo em resistir às regras que o sistema familiar lhe tende a impor. Uma pessoa que tem a capacidade para desenvolver os seus próprios valores e crenças acerca do mundo, nomeadamente sobre as questões vocacionais, encontra-se numa posição privilegiada para saber o que quer da vida e de que forma pretende realizar-se profissionalmente.

Uma última situação na qual as teorias sistémicas familiares podem ser úteis reside na compreensão acrescida que podem permitir sobre as regras familiares que mantêm certos valores ou tradições. Determinadas famílias apresentam tradições muito marcadas no que respeita a algumas profissões.

Bratcher (1982) afirma ainda que a maior conclusão que se pode extrair da aplicação das teorias sistémicas familiares à intervenção voca-

cional é a de que os indivíduos são influenciados, no seu processo de decisão vocacional, por factores oriundos do seu meio familiar, muitas vezes de forma inconsciente. É útil que estes factores sejam equacionados no âmbito de um processo de consulta.

Zingaro (1983), por seu turno, assinala a importância das teorizações sistémicas familiares para a compreensão da dinâmica familiar na área do desenvolvimento vocacional. Alguns mitos que os clientes transportam para a situação de consulta (Lewis & Gilhousen, 1981) traduzem uma clara influência parental no processo de decisão vocacional.

Esta influência ocorre de forma mais evidente nas famílias indiferenciadas e, nesse sentido, a teoria de Bowen (1978) seria particularmente apropriada para compreender a indecisão generalizada e intervir sobre ela. A incapacidade para tomar decisões, nomeadamente as de carácter vocacional, acompanhada de uma ansiedade antecedente ao processo de decisão (Goodstein, 1972), características que encontramos na indecisão generalizada, encontram-se, igualmente, nos indivíduos com um *self* indiferenciado. O conceito de indiferenciação do *self* é um dos mais importantes na teoria de Bowen (Sampaio & Gameiro, 1985).

A aplicação das teorias sistémicas familiares à intervenção vocacional permitiu importar algumas das técnicas utilizadas na terapia familiar. Lopez (1983), por exemplo, ilustra um caso de utilização de técnicas paradoxais, normalmente empregues na terapia familiar estratégica, a um cliente que poderia ser englobado na categoria de indecisão generalizada.

Okiishi (1987) e Brown e Brooks (1991) propõem a utilização do genograma como instrumento de avaliação e intervenção no âmbito da consulta vocacional. O genograma consiste numa representação gráfica dos membros da família e pode permitir indicar modelos que influenciaram expectativas vocacionais do cliente e o contexto familiar no qual este desenvolveu a sua visão sobre o mundo do trabalho. Estereótipos relacionados com o género e o papel desempenhado por determinados membros da família no sentido de facilitar ou dificultar o acesso a determinadas opções vocacionais podem ser também identificados.

4. A conceptualização sistémica da indecisão vocacional

Lopez e Andrews (1987) propuseram uma explicação teórica da indecisão vocacional com base nas teorias familiares sistémicas. Para estes autores, as famílias dos estudantes que apresentam dificuldades no âmbito do processo de tomada de decisão podem apresentar características diferenciadas. Por vezes, constata-se um envolvimento excessivo dos pais em questões educacionais e vocacionais dos seus filhos, o que poderá traduzir uma fronteira excessivamente permeável entre o sub-sistema parental e filial. Noutros casos, um dos pais pode assumir uma posição compreensiva face à indecisão do jovem, enquanto o outro assume uma postura crítica. Trata-se, aqui, de uma coligação transgeracional, um padrão frequentemente associado a disfunções familiares.

A título hipotético, Lopez e Andrews (1987) descrevem algumas possíveis funções sistémicas desempenhadas pela indecisão vocacional. Uma possibilidade seria esta permitir à família adiar uma importante transformação do sistema familiar, ou seja, confrontar-se com a separação de um elemento do sistema, neste caso um filho ou uma filha.

Uma outra hipótese explicativa seria a indecisão vocacional permitir camuflar um conflito no seio da família, nomeadamente problemas e tensões ao nível conjugal. Face à crescente independência e separação dos filhos, que pode ser percebida como uma transformação ameaçadora para o sistema familiar, podem emergir problemas para o casal, nomeadamente quanto à forma de lidar com essa transformação.

Finalmente, a indecisão vocacional pode reflectir um esforço para lidar com questões multigeracionais não resolvidas. Com bastante frequência, o jovem tem dificuldades em optar por uma alternativa vocacional, uma vez que tem receio de desapontar um ou ambos os pais.

A indecisão vocacional, conceptualizada sob esta perspectiva, sofre um notável enriquecimento teórico. Em primeiro lugar, filia esta área de investigação no domínio mais genérico do desenvolvimento e autonomia do adolescente. Toma ainda em consideração a transformação do sistema familiar ao longo do

ciclo de vida. Por outras palavras, reforça o enquadramento teórico da indecisão vocacional num eixo desenvolvimental.

Em segundo lugar, considera os contextos de vida, essencialmente o contexto familiar, como fundamentais na compreensão da dinâmica da indecisão vocacional.

Finalmente, permite relacionar a intervenção psicológica no domínio vocacional com outras áreas da consulta psicológica, nomeadamente com a psicoterapia, o que, de resto, constitui uma tendência que se tem constatado desde há alguns anos (Gysbers, 1984) e que se tem reforçado mais recentemente (Betz & Corning, 1993; Manuele, 1992; Tolsma, 1993).

Algumas investigações procuraram demonstrar empiricamente as relações entre variáveis de natureza familiar e o desenvolvimento e indecisão vocacionais. Eigen, Hartman e Hartman (1987) tentaram analisar as relações que se estabeleciam entre uma amostra de estudantes do ensino secundário, previamente classificados como decididos, provisoriamente indecisos (*developmental undecided*) e cronicamente indecisos, e duas dimensões do modelo de funcionamento familiar de Olson, Sprenkle e Russel (1979): a coesão familiar, conjunto de laços familiares que unem os membros da família, e a adaptabilidade familiar, capacidade da família para a mudança. Estas duas dimensões são representadas por um contínuo e as famílias funcionais encontram-se iam nos pontos médios em termos de coesão e adaptabilidade. Os investigadores colocaram a hipótese de os indivíduos mais decididos serem oriundos das famílias balanceadas, os provisoriamente indecisos pertencerem a famílias em que uma das dimensões do funcionamento familiar apresentava um valor extremo enquanto que a outra se situava num ponto médio e os cronicamente indecisos serem provenientes de famílias localizadas nos extremos das dimensões de coesão e adaptabilidade. Os resultados encontrados não confirmaram esta hipótese. Todavia, numa análise complementar dos resultados, na qual se procedeu a uma divisão dicotómica das dimensões de coesão e adaptabilidade, situação que configura uma alteração significativa dos pressupostos do modelo teórico subjacente, verificou-se uma relação que, embora sem atingir a significância estatística, demonstrou que os

indivíduos cronicamente indecisos tendiam a ser provenientes de famílias de baixa adaptabilidade e elevada coesão ou de famílias de elevada adaptabilidade e baixa coesão. *Os sistemas familiares que dificultam a capacidade individual de resolver os processos de decisão vocacional podem ser aqueles que são demasiado apertados ou demasiado soltos. Isto é, regras rígidas acompanhadas de elevados níveis de vinculação podem tender a dificultar a individuação. Enquanto que poucas regras acompanhadas por uma ausência de vinculação emocional podem levar a uma separação prematura sem o apoio suficiente para um processo de decisão vocacional efectivo* (Eigen et al., 1987, p. 93).

Kinnier, Brigman e Noble (1990), por seu turno, conduziram uma investigação com uma amostra de estudantes universitários na qual tentaram analisar as relações entre duas medidas de aglutinação (fusão/individuação e triangulação) e a indecisão vocacional. Os seus resultados, significativos mas pouco expressivos, permitiram constatar que os estudantes mais aglutinados nas suas famílias de origem eram simultaneamente mais indecisos no plano vocacional.

Blustein, Walbridge, Friedlander e Palladino (1991) procuraram verificar se jovens universitários que apresentavam menores índices de separação psicológica face às figuras parentais demonstrariam níveis mais elevados de indecisão vocacional e menores expectativas de eficácia pessoal relativamente ao processo de decisão. Esta hipótese não foi verificada.

Mais recentemente, Penick e Jepsen (1992) procuraram analisar de que maneira a percepção do funcionamento da família se relacionava com o nível de realização em duas tarefas vocacionais: envolvimento activo no planeamento (crystalização) e certeza da escolha (especificação). Os resultados demonstraram que as percepções dos sujeitos da amostra sobre o funcionamento familiar prediziam significativamente a sua identidade vocacional, e de forma mais poderosa do que o género, o estatuto socio-económico e a realização educacional. Os dados desta investigação permitiram verificar, ainda, que os estudantes de famílias aglutinadas e desestruturadas apre-

sentavam maiores dificuldades na resolução das tarefas vocacionais analisadas.

No seu conjunto, os dados destas investigações afiguram-se algo ambíguos e pouco consistentes. Parece, de alguma forma, que a investigação de Penick e Jepsen (1992) sustenta melhor as hipóteses avançadas por Lopez e Andrews (1987), enquanto que os estudos de Eigen, Hartman e Hartman (1987) e Kinnier, Brigman e Noble (1990) permitem somente um apoio modesto. Por seu turno, a investigação de Blustein et al. (1991) não encontra nenhuma relação entre indecisão vocacional e factores relacionados com a separação psicológica de sujeitos face às figuras parentais.

Uma primeira explicação destes dados, que julgamos plausível, poderá residir na forma como foi avaliada a indecisão vocacional. Penick e Jepsen (1992) recorreram à *Vocational Identity Scale* que integra a *My Vocational Situation Scale* (Holland, Daiger & Power, 1980). A identidade vocacional é definida pelos autores como: *"a posse, pelo indivíduo, de uma imagem clara e estável relativamente aos seus objectivos, interesses, personalidade e talentos. Estas características permitem um processo de decisão sem perturbações e conduzem a um sentimento de confiança na capacidade pessoal para tomar boas decisões na presença de inevitáveis ambiguidades ambientais"* (Holland, Daiger, & Power, 1980, p.1). As restantes investigações utilizaram a *Career Decision Scale* (Osipow et al., 1976), com a excepção do estudo de Eigen et al. (1987), que baseou a sua tipologia no número de vezes que os sujeitos da amostra relataram ter modificado as suas decisões de carácter vocacional.

A questão reside em saber se estes dois instrumentos, que pretensamente avaliam a indecisão vocacional, se podem considerar equivalentes ou não. Sobre esta questão existe alguma polémica e alguns autores referem que a *Vocational Identity Scale* pode avaliar aspectos gerais de personalidade mais latos do que a indecisão vocacional (Slaney, 1988), o que parece ser confirmado, pelo menos, por uma investigação que demonstrou que escalas de identidade vocacional não são factorialmente equivalentes às escalas de indecisão vocacional (Tinsley, Bowman, & York, 1989).

Uma segunda explicação para estes re-

sultados reside na forma como os investigadores conceptualizaram a indecisão vocacional. Com a excepção da investigação de Eigen et al. (1987), todos os restantes estudos partiram do pressuposto de que a indecisão vocacional é um constructo unitário. Se, eventualmente, procurassem relacionar variáveis de natureza familiar com diferentes tipos ou categorias de indecisão vocacional, poderemos admitir, pelo menos no plano das hipóteses, que tivessem chegado a resultados algo diferentes. Consideramos, como plausível, que os instrumentos de avaliação da indecisão vocacional de Jones (1989) e de Chartrand et al. (1990) possam permitir um aprofundamento desta linha de investigação.

5. Indecisão vocacional e possível evolução do constructo

As mutações que actualmente se verificam no mundo do trabalho e na estrutura socio-económica configuram uma transformação das sociedades industriais em sociedades "pós-modernas" e pós-industriais (Peavy, 1993). Naturalmente que uma tão profunda transformação tem reflexos imediatos nas pessoas e no seu desenvolvimento. A crescente tendência para mudar várias vezes de emprego ao longo da vida activa, de alternar períodos de emprego com períodos de desemprego ou de formação, de modificar o sistema educativo e de formação profissional para responder às exigências crescentes dos empregadores, constituem alguns elementos que caracterizam este quadro de mudança que se reflecte nos percursos vocacionais e de vida dos próprios indivíduos e mesmo na própria forma de conceptualizar a intervenção vocacional (Taylor, 1994; Vähämöttönen, Keskinen, & Parrila, 1994). Estas mudanças implicam, seguramente, um aumento das transições não normativas e um maior número de escolhas com que os indivíduos vão ter que se defrontar. É de admitir que nestes pontos de transição alguns sujeitos se sintam confusos perante diferentes alternativas e que a indecisão vocacional possa ser um constructo com uma aplicação crescente às populações adultas, como, de algum modo, está a suceder (Callanan & Greenhaus, 1992). Os adolescentes e jovens adultos parecem estar a perder o exclusivo de

serem as únicas populações estudadas no âmbito da investigação sobre indecisão vocacional.

Uma outra linha de evolução que parece estar a esboçar-se é o aparecimento de novos instrumentos que avaliam constructos próximos da indecisão vocacional. Blustein, Ellis e Devenis (1989) sustentam que a fase do investimento (*commitment*) para com as escolhas vocacionais tem sido pouco investigada, contrariamente ao que sucedeu com a indecisão vocacional. Na sequência de uma revisão da literatura, estes autores criaram duas escalas para avaliar as dimensões de exploração vocacional e investimento e de tendência para a exclusão de opções (*tendency to foreclosure*). O processo de investimento é conceptualizado como um contínuo desenvolvimental que varia de uma fase de reduzido investimento e exploração relativamente às escolhas vocacionais, até uma fase de elevado investimento. A segunda dimensão avalia diferenças pessoais na tendência para excluir opções de carácter vocacional. Também esta é conceptualizada como um contínuo. Um dos pólos é caracterizado por uma forte tendência para excluir opções de carácter vocacional e o outro por uma abertura a experiências e alternativas diversificadas. As duas dimensões são concebidas como relativamente independentes uma da outra.

No decurso do processo de validação do instrumento, Blustein, Ellis e Devenis (1989) constataram que a *Vocational Exploration and Commitment Scale* apresentava correlações significativas com a *Vocational Decision Scale* (Jones & Chenery, 1980), um instrumento criado para avaliar a indecisão vocacional, o mesmo não sucedendo com a *Tendency to Foreclosure Scale*. Para os autores este resultado pode ser interpretado como significando que a indecisão vocacional é um constructo que, de algum modo, se sobrepõe à finalidade exploratória da dimensão de exploração vocacional e investimento, enquanto que a tendência para *foreclosure* avalia a maior ou menor propensão para circunscrever as preferências vocacionais.

De igual modo, Serling e Betz (1990) desenvolveram uma escala para avaliar o medo do investimento. Esta dimensão foi definida como uma reduzida capacidade para tomar decisões importantes, nomeadamente as de

carácter vocacional, devida à percepção dos resultados negativos consequentes ao processo de decisão. Estes resultados negativos incluem uma má realização, o perder alternativas, o efectuar uma escolha errada, o desagradar a pessoas significativas e não obter sucesso, entre outros possíveis.

O medo do investimento é conceptualizado como uma tendência estável que afecta o processo de decisão dos indivíduos em múltiplas áreas e uma variável que permitiria a distinção entre indecisão vocacional e indecisão generalizada.

Para a validação do instrumento de avaliação as autoras colocaram as seguintes hipóteses, que testaram junto de uma amostra de estudantes universitários: o medo do investimento estaria positivamente correlacionado com a ansiedade e negativamente com a auto-estima; os estudantes indecisos (aqueles que ainda não tinham tomado nenhuma decisão quanto à área de especialização académica pela qual iriam optar) apresentariam valores superiores na *Fear of Commitment Scale* relativamente aos estudantes decididos; os estudantes que tinham mudado de área de especialização académica duas ou mais vezes apresentariam resultados mais elevados na escala do que aqueles que não tinham efectuado nenhuma mudança ou que tinham mudado apenas uma única vez. Esta última hipótese pretendia testar a capacidade do instrumento em distinguir a indecisão simples da indecisão generalizada, partindo do pressuposto de que as mudanças sucessivas de opções vocacionais seriam um indicador da indecisão generalizada.

Todas as hipóteses receberam confirmação empírica, com a excepção da última. A incapacidade da *Fear of Commitment Scale* em diferenciar a indecisão simples da indecisão generalizada poderá dever-se, segundo as autoras, ao pequeno número de sujeitos que relataram ter efectuado mudanças repetidas de opções vocacionais.

6. Conclusão

Apesar de já possuir uma longa história, o campo de investigação sobre a indecisão vocacional permanece bastante dinâmico, revelando, continuamente, novos desenvolvimentos. O

constructo evoluiu, assumindo, no presente, características marcadamente multidimensionais. Simultaneamente, as investigações foram dando uma importância crescente aos processos que conduzem à indecisão e aos contextos, nomeadamente familiares, nos quais esta ocorre. Todavia, estes dois eixos de desenvolvimento teórico não parecem, ainda, ter-se interceptado, de forma significativa, no plano da investigação, perspectivando-se, assim, um campo de estudo particularmente interessante e promissor.

A conceptualização sistémica, embora ainda deficientemente validada no plano empírico, constitui um avanço assinalável relativamente a abordagens anteriores. Permite uma síntese entre a dimensão do desenvolvimento, não centrada exclusivamente no indivíduo, a dimensão do contexto e a intervenção psicológica de cariz psicoterapêutico, nomeadamente a sistémica familiar, emergindo como um importante quadro conceptual de investigação e intervenção na área do desenvolvimento vocacional.

Bibliografia

- Ashby, J.D., Wall, H.W., & Osipow, S.H. (1966). Vocational certainty and indecision in college freshmen. *Personnel and Guidance Journal*, 44, 1037-1041.
- Baird, L.L. (1969). The undecided student-How different is he? *Personnel and Guidance Journal*, 47, 429-434.
- Betz, N.E. (1992). Career assessment: A review of critical issues. In Steven D. Brown, & Robert W. Lent (Eds.), *Handbook of counseling psychology* (2nd ed.) (pp. 453-484). New York: Wiley.
- Betz, N.E., & Corning, A.F. (1993). The inseparability of "career" and "personal" counseling. *The Career Development Quarterly*, 42, 137-142.
- Blustein, D.L., Devenis, L.E., & Kidney, B.A. (1989). Relationship between the identity formation process and career development. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 196-202.
- Blustein, D.L., Ellis, M.V., & Devenis, L.E. (1989). The development and validation of a two-dimensional model of the commitment to career choices process [Monograph]. *Journal of Vocational Behavior*, 35, 342-378.
- Blustein, D.L., Walbridge, M.L., Friedlander, M.L., & Palladino, D.E. (1991). Contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Counseling Psychology*, 38, 39-50.
- Borgen, F.H. (1991). Megatrends and milestones in vocational behavior: A 20-year counseling psychology retrospective. *Journal of Vocational Behavior*, 39, 263-290.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Bratcher, W.T. (1982). The influence of the family on career selection: A family systems perspective. *Personnel and Guidance Journal*, 61, 87-91.
- Brown, D., & Brooks, L. (1991). *Career counseling techniques*. Boston: Allyn and Bacon.
- Callanan, G.A., & Greenhaus, J.H. (1992). The career indecision of managers and professionals: An examination of multiple subtypes. *Journal of Vocational Behavior*, 41, 212-231.
- Chartrand, J.M., & Camp, C. (1991). Advances in the measurement of career development constructs: A 20-year review. *Journal of Vocational Behavior*, 39, 1-39.
- Chartrand, J.M., Robbins, S.B., Morrill, W.H., & Boggs, K. (1990). Development and validation of the Career Factors Inventory. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 491-501.
- Crites, J.O. (1969). *Vocational psychology*. New York: McGraw-Hill.
- Crites, J.O. (1981). *Career counseling*. New York: McGraw-Hill.
- Downing, K.R., & Dowd, E.T. (1988). Career indecision: A summary of the research and implications for counselling. *British Journal of Guidance and Counselling*, 16, 145-156.
- Eigen, C., Hartman, B.W., & Hartman, P.T. (1987). Relations between family interactions patterns and career indecision. *Psychological Reports*, 60, 87-94.
- Erikson, E.H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Fuqua, D.R., Blum, C.R., & Hartman, B.W. (1988). Empirical support for the differential diagnosis of career indecision. *Career Development Quarterly*, 36, 364-373.
- Galinsky, M.D., & Fast, I. (1966). Vocational

- choice as a focus of the identity search. *Journal of Counseling Psychology*, 13, 89-92.
- Goodstein, L.D. (1972). Behavioral views of counseling. In B. Steffle & W.H. Grant (Eds.), *Theories of counseling* (2nd ed.) (pp. 243-286). New York: Macgraw-Hill.
- Gordon, V.N. (1981). The undecided student: A development perspective. *Personnel and Guidance Journal*, 59, 433-439.
- Gordon, V.N. (1995). *The undecided college student: An academic and career advising challenge* (2nd ed.). Springfield: Charles Thomas.
- Gysbers, N.C. (1984). Major trends in career development theory and practice. In Gysbers, & Associates (Eds.), *Designing careers* (pp. 618-632). San Francisco: Jossey Bass.
- Harren, V. A. (1979). A model of career decision making for college students. *Journal of Vocational Behavior*, 14, 119-133.
- Holland, J.L., Daiger, D.C., & Power, P.G. (1980). *Manual for my vocational situation*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Janis, I.L., & Mann, L. (1977). *Decision making: A psychological analysis of conflict, choice and commitment*. New York: Free Press.
- Johnson, D.P. (1990). Indecisiveness: A dynamic, integrative approach. *The Career Development Quarterly*, 39, 34-39.
- Jones, L.K. (1989). Measuring a three-dimensional construct of career indecision among college students: A revision of the Vocational Decision Scale-The Career Decision Profile. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 477-486.
- Jones, L.K., & Chenery, M.F. (1980). Multiple subtypes among vocationally undecided college students: A model and assessment instrument. *Journal of Counseling Psychology*, 27, 469-477.
- Kinnier, R.T., Brigman, S.L., & Noble, F.C. (1990). Career indecision and family enmeshment. *Journal of Counseling and Development*, 68, 309-312.
- Law, B. (1981). Community interaction: A 'mid-range' focus for theories of career development in young adults. *British Journal of Guidance and Counselling*, 9, 142-158.
- Law, B. (1991). Community interaction in the theory and practice of careers work. In Bártolo P. Campos (Ed.), *Psychological intervention and human development* (pp. 151-162). Porto: ICPFD and Louvain-La-Neuve: Academia.
- Law, B. (1993). Understanding careers work. *Career Development Quarterly*, 41, 297-313.
- Lewis, R.A., & Gilhousen, M.R. (1981). Myths of career development: A cognitive approach to vocational counseling. *Personnel and Guidance Journal*, 59, 296-299.
- Lopez, F.G. (1983). A paradoxical approach to vocational indecision. *Personnel and Guidance Journal*, 61, 410-412.
- Lopez, F.G., & Andrews, S. (1987). Career indecision: A family systems perspective. *Journal of Counseling and Development*, 65, 304-307.
- Lowe, B. (1981). The relationship between vocational interest differentiation and career undecidedness. *Journal of Vocational Behavior*, 19, 346-349.
- Lunneborg, P.W. (1975). Interest differentiation in high school and vocational indecision in college. *Journal of Vocational Behavior*, 7, 297-303.
- Lunneborg, P.W. (1976). Vocational indecision in college graduates. *Journal of Counseling Psychology*, 23, 402-404.
- Manuele, C. (1992). Career counseling is personal counseling. *Career Development Quarterly*, 40, 313-323.
- Marcia, J.E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- Marcia, J.E. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 159-187). New York: Wiley.
- Marcia, J.E. (1987). The identity status approach to the study of ego identity development. In Terry Honess, & Krysia Yardley (Eds.), *Self and identity* (pp. 161-171). New York: Routledge & Kegan.
- Martin, F., Sabourin, S., Laplante, B., & Coallier, J.C. (1991). Diffusion, support, approach, and external barriers as distinct theoretical dimensions of the Career Decision Scale: Disconforming evidence? *Journal of Vocational Behavior*, 38, 187-197.
- Neimeyer, G.J., & Heesacker, M. (1992). Vocational development: Assessment and

- intervention in adolescent career choice. In C.E. Walker, & M.C. Roberts (Eds.) *Handbook of clinical child psychology* (2nd ed) (pp. 661-676). New York: Wiley.
- Okiishi, R.W. (1987). The genogram as a tool in career counseling. *Journal of Counseling and Development*, 66, 139-143.
- Olson, D.H., Sprenkle, D.H., & Russel, C.S. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I. Cohesion and adaptability dimensions of family types and clinical applications. *Family Process*, 18, 3-28.
- Osipow, S.H. (1987). *Manual for the Career Decision Scale*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Osipow, S.H., Carney, C.G., & Barak, A. (1976). A scale of educational-vocational undecidedness: A typological approach. *Journal of Vocational Behavior*, 9, 233-243.
- Osipow, S.H., & Gold, J.A. (1967). Factors related to inconsistent career preferences. *Personnel and Guidance Journal*, December, 346-349.
- Osipow, S.H., & Reed, R. (1985). Decision making style and career indecision in college students. *Journal of Vocational Behavior*, 27, 368-373.
- Peavy, R.V. (1993). Envisioning the future: Worklife and counseling. *Canadian Journal of Counselling*, 27:2, 123-139.
- Penick, N.I., & Jepsen, D.A. (1992). Family functioning and adolescent career development. *The Career Development Quarterly*, 40, 208-222.
- Perry, W., Jr. (1970). *Intellectual and ethical development in the college years*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Rojewski, J.W. (1994). Career indecision for rural adolescents from disadvantaged and non disadvantaged backgrounds. *Journal of Counseling Psychology*, 41, 356-363.
- Salomone, P.R. (1982). Difficult cases in career counseling: II - The indecisive client. *Personnel and Guidance Journal*, 60, 496-500.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar* (2nd ed.). Porto: Afrontamento.
- Serling, D.A., & Betz, N.E. (1990). Development and evaluation of a measure of fear of commitment. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 91-97.
- Shimizu, K., Vondracek, F.W., & Schulenberg, J. (1994). Unidimensionality versus multidimensionality of the Career Decision Scale: A critique of Martin, Sabourin, Laplante, and Coallier. *Journal of Career Assessment*, 2, 1-14.
- Silva, J.M.T. (1994). Validade de um questionário de interesses expressos como medida da indecisão de carreira. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, nº 3, 371-390.
- Slaney, R.B. (1988). The assessment of career decision making. In W.B. Walsh, & S. H. Osipow (Eds.), *Career decision making* (pp. 33-76). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Stead, G.B., & Watson, M.B. (1993). How similar are the factor structures of the Career Decision Scale, the Career Decision Profile, and the Career Factors Inventory? *Educational and Psychological Measurement*, 53, 281-290.
- Super, D. E. (1953). A theory of vocational development. *American Psychologist*, 8, 185-190.
- Super, D.E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper & Row.
- Super, D.E. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298.
- Super, D.E. (1984). Career and life development. In D. Brown, & L. Brooks (Eds.) *Career choice and development* (pp. 192-234). San Francisco: Jossey Bass.
- Taylor, K.F. (1994). Whatever happened to vocational guidance? *British Journal of Guidance and Counselling*, 22, 447-455.
- Taylor, K.M., & Betz, N.E. (1983). Applications of self-efficacy theory to the understanding and treatment of career indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 22, 63-81.
- Tiedeman, D.V., & O'Hara, R.P. (1963). *Career development: Choice and adjustment*. New York: College Entrance Examination Board.
- Tolsma, R. (1993). "Career or noncareer?" That is the issue: Case examples. *The Career Development Quarterly*, 42, 167-173.
- Tinsley, H.E.A. (1992). Career decision making and career indecision [Editorial]. *Journal of Vocational Behavior*, 41, 209-211.
- Tinsley, H.E.A., Bowman, S.L., & York, D.C. (1989). Career Decision Scale, My Vocational Situation, Vocational Rating Scale.

and Decisional Rating Scale: Do they measure the same constructs? *Journal of Counseling Psychology*, 36, 115-120.

Vähämöttönen, T.T.E., Keskinen, P.A., & Parrila, R.K. (1994). A conceptual framework for developing an activity-based approach to career counselling. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 17, 19-34.

Vondracek, F.W., Lerner, R.M., & Schulenberg, J.E. (1986). *Career development: A life-span developmental approach*. London: Lawrence Erlbaum.

Vondracek, F.W., Schulenberg, J., Skorikov, V., Gillespie, L.K., & Wahleim, C. (1995). The relationship of identity status to career indecision during adolescence. *Journal of Adolescence*, 18, 17-29.

Winer, J.L. (1992). The early history of the Career Decision Scale. *The Career Development Quarterly*, 40, 369-375.

Zingaro, J.C. (1983). A family systems perspective for the career counselor. *Personnel and Guidance Journal*, 62, 24-27.

Résumé

Santos, P. J., & Coimbra, J. L. Développement psychologique et indécision vocationnelle. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 1994/95, 21-34. On présente une proposition de catégorisation et on analyse les trois abordages majeurs qui ont dominé la recherche sur l'indécision vocationnelle aux dernières décades: l'abordage épidémiologique, qui s'est centrée dans la détermination du pourcentage des étudiants indécis, l'abordage différentielle qui a cherché de trouver les différences entre des sujets décidés et indécis, et l'abordage développementelle qui a émis le processus qui culmine à l'indécision, et pas son contenu. Quelques

recherches concernant chacune de ces abordages sont présentées. On analyse l'évolution du construct de l'indécision vocationnelle et la transformation parallèle des instruments d'évaluation. On présente une ligne de recherche, plus récente, qui a cherché de conceptualiser l'indécision vocationnelle sur des présuppositions originées dans les théories familiales systémiques et les résultats des principales recherches qui ont essayé de tester empiriquement ce modèle. À la fin, on aborde quelques évolutions possibles du construct de l'indécision vocationnelle.

Abstract

Santos, P. J., & Coimbra, J. L. Psychological development and career indecision. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 1994/95, 21-34. Regarding the topic of career indecision a categorization proposal is presented as well as the three major approaches that have dominated research in this one of the last decades: the epidemiological approach which has been centered on the identification of percentages of undecided students, the differential approach which has been looking for differences between undecided and decided subjects, and the developmental approach which has stressed the process, but not the content, of career indecision. Some studies concerning each of these three positions are also presented. The evolution of career indecision construct and the parallel transformation of assessment instruments is analyzed. A more recent trend of research is presented which has proposed to envisage career indecision from a family systems perspective as well as the results of the more significant studies that tried to test this model in empirical terms. Finally, possible evolutions of the career indecision construct are proposed.